

PROJETO ABERTO ÀS COMUNIDADES
CONTRIBUTO DAS ARTES PLÁSTICAS/EDUCAÇÃO VISUAL NAS
PRÁTICAS MULTI(INTER)CULTURAIS NO ENSINO BÁSICO

Maria Assunção Pestana

Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC) UM

Colaboradora Doutorada Externa (CDE)

caopestana@gmail.com

Estela Pinto Ribeiro Lamas

Centro de Estudos Interculturais, ISCAP (Aconselhamento Científico)

Centro de Estudos Africanos, UP (Investigação)

FCE, *campus* Vida - USC, Santiago de Compostela (Colaboração)

UMUM, Campus de Cambine (Colaboração)

estelalamas3@gmail.com

RESUMO: Constata-se que a multi(inter)culturalidade – multiculturas, suas interações e implicações sociais –, é hoje apanágio de grande debate na formação de professores do Ensino Básico, no sentido de problematizar e maximizar o modo como esta se processa, bem como de monitorizar a diversidade cultural presente nos diferentes ambientes educativos e, ainda, de motivar os intervenientes e levar às as boas práticas pedagógicas, neste domínio e de forma ampla ao nível do ensino em geral. Esta formação implicará, desde logo, estratégias e ferramentas específicas dirigidas aos diferentes ambientes socioculturais, seja através da formulação de propostas criativas, tecnológicas, atuais, inclusivas e diversificadas, dirigidas a toda uma comunidade escolar. Enfatizamos, pois, que as Artes Plásticas/Comunicação Visual, em consonância com outras formas artísticas, contribuem, de forma explícita e implícita, para uma maior visibilidade comunitária desta temática, tão atual. Nesse sentido, centramo-nos na criação de um projeto que possa contribuir para o desenvolvimento do indivíduo *per se* no todo do seu ser e como cidadão do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Multi(inter)culturalidade, Espaços, Comunidade escolar, Comunidade envolvente, Educação Básica.

Introdução

Propostas didáticas diversificadas e eventos artísticos/tecnologias/redes potenciam espaços de interação abertos à comunidade escolar e local, ampliam a reflexão crítica e consciência cívica (Mendes, 2010; Pestana, 2010; Moura, 2002).

A promoção de ações/debates socioeducativos, através das artes plásticas e outras, orientadas pela diferença cultural e sua complementaridade, permitem, desde logo, sinalizar preconceitos e atos de violência existentes nas comunidades educativas, manifestas, quer em forma de gestos ou confrontos culturais, quer em práticas estigmatizadas (Afonso, 2001; Almeida, 2000, entre outros), contribuindo para o desenvolvimento humano, assim como para a construção de uma cidadania positiva.

Se, por um lado, é de senso comum que este tema seja versado transversalmente nas diferentes matérias ministradas nas escolas, por outro, as suas estratégias de comunicação/interação podem ser reforçadas e tornar-se atrativas a diferentes públicos alvo.

Elencamos uma sucessão de momentos e formatos artísticos, a desenvolver em diferentes espaços educativos formais e não formais, ao nível da Educação Básica, que nos permitam potenciar (i) a (re)educação para a diferença e convivência cultural; (ii) a implementação de estratégias atuais de comunicação pedagógica curricular que impliquem toda comunidade educativa; (iii) a visibilidade comunitária dos seus trabalhos como formas de divulgação e difusão temática.

1- (re)Educar para a diferença cultural

1. Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam.
2. Todos têm direito à proteção dos interesses morais e materiais ligados a qualquer produção científica, literária ou artística da sua autoria.

ONU, 1949, Artigo 27.º

Partimos da riqueza dos conteúdos contemplados no Artigo 27.º da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, para uma reflexão sobre a profissão que exercemos, como artista(s) e como professora(s) de artes, procurando que o ‘eu’ não só se aproxime do ‘outro’ – um outro ‘eu’ –, mas também que contribua para o seu desenvolvimento

holístico, em espaços propícios à aprendizagem, seja em contexto escolar, seja em contexto comunitário e social.

Determinada em nos implicarmos nesta função, coloca-se-nos à partida uma pergunta para a qual procura(re)mos, continuamente – hoje e no futuro –, encontrar meios, recursos humanos e estratégias para encontrar resposta(s) eficaz(es) e producente(s):

- Qual o caminho a seguir para manter sempre em ação uma educação que não só respeite a diferença cultural, mas que das diversas culturas ‘extraia’ mais-valias que se complementem e enriqueçam as vivências do(s) sujeito(s) envolvido(s)?

1.1- A interação cultural no espaço escolar, comunitário e social

Recorremos à *Convenção* da UNESCO de 2005 que nos ajuda a encontrar resposta para a pergunta que se nos coloca, já que no Artigo 4º (p.4), ao abordar definições, começa por evidenciar o sentido da ‘diversidade cultural’ deixando registado que

“refere-se à multiplicidade de formas em que se expressam as culturas dos grupos e das sociedades (...) manifesta-se não só nas diferentes formas em que o património cultural da Humanidade se expressa, se enriquece e se transmite graças à variedade das expressões culturais, mas também através de diversos modos de criação artística, produção, divulgação, distribuição e fruição das expressões culturais, independentemente dos meios e das tecnologias empregues.”

É, pois, seguindo a recomendação de dar atenção à ‘variedade das expressões culturais’ e de recorrer a ‘diversos modos de criação artística, produção, divulgação, distribuição e fruição das expressões culturais’ que assumimos a decisão de criar um projeto que responda aos desafios lançados pela UNESCO – o PROJETO ABERTO ÀS COMUNIDADES.

Abre-se, assim, o caminho, que nos permite implicarmo-nos na criação de condições que propiciem contextos educativos que, não só oferecem oportunidades para ‘conduzir/educar’ os diversos intervenientes, mas também que reúnam condições para ‘extrair’, de cada ‘eu’ envolvido, as suas capacidades, as suas ideias, as suas imagens, a cultura que o molda e que ele vivencia, de forma a criar redes de interação e, em consequência, a viabilizar que a multiculturalidade dê lugar à interculturalidade (Lamas, 2009).

2- Projeto Aberto às Comunidades

Avançamos com esta proposta, cientes de que a produção de imagens fixas e em movimento, permitem aplicar técnicas artísticas apre(e)ndidas e assimiladas no decurso escolar/formativo do aluno e que constam nos programas do Ensino Básico (Direção Geral da Educação - Educação Artística, 2018; UNESCO, 2006).

O PROJETO ABERTO ÀS COMUNIDADES está estruturado para um trimestre, contemplando atividades, que visam a consciência do indivíduo e a educação cívica, centrando-se na problemática tratada – a qualidade estética e a permanente investigação.

Os objetivos que pretendemos atingir são:

- Dar visibilidade comunitária aos trabalhos de Artes Plásticas/Educação Visual no Ensino Básico – a diversidade cultural e a consequente multi(inter)culturalidade.
- Promover atividades socioeducativas e estéticas em ambientes formais e não formais, procurando a complementaridade e evitando sectorizações.
- Ativar interações escola/comunidade, através de diferentes participações.
- Promover estratégias de divulgação/difusão da temática em rede.
- Desenvolver em colaboração a avaliação do projeto/investigação/estudos temáticos.

2.1- O processo conducente ao projeto – Roteiro I e Roteiro II

Ao avançarmos com a proposta de projeto(s) em Artes Plásticas/Educação Visual queremos contemplar ambientes formais e não formais do Ensino Básico, rentabilizando as aprendizagens que os alunos vão realizando ao longo da sua infância/adolescência, quer em contextos familiares, quer em contextos associativos e comunitários. A intenção é não desvalorizar as vivências que experimentam fora da escola, antes, rentabilizá-las nas aprendizagens curriculares propostas, enriquecendo-as e partilhando-as com as dos colegas, procurando assim, não só a complementaridade de conhecimentos e competências individuais, particulares a determinados espaços culturais, mas também a construção da interculturalidade a partir da multiculturalidade que se instaura na escola, face à proveniência diversificada dos seus protagonistas.

Assim sendo, procuramos planificar o processo a vivenciar e a induzir à construção do projeto, abrindo a(s) escola(s) à(s) comunidade(s), não só respeitando as valências e riquezas que a(s) caracterizam, mas promovendo relações entre as várias comunidades – interação –, tornando exequível a interculturalidade que tão valiosa é para

a formação do indivíduo como cidadão do mundo – um indivíduo que não estagna e se isola, que não se centra no seu ‘eu’, mas que se movimenta por espaços diversificados e vivencia realidades diversificadas, que interage com o ‘outro’, isto é, um cidadão do mundo.

Com esse propósito, apresentamos dois roteiros específicos, um que se focaliza em imagens fixas e um outro que procura essencialmente imagens em movimento. Procuraremos, pois, propor estratégias, recurso a tecnologias, uso de ferramentas, registos e reflexões, participação e comunicação – interação de espaços formativos.

2.1.1- Imagens fixas - Roteiro I

<p>Aulas – 1/8 horas</p> <p>(docente e aprendizes)</p>	<p>Desenho – cores (registos)</p> <p>Criativo ilustrativo/interpretativo</p>	<p>Desenho a grafite: tema</p> <p>Criativo ilustrativo/interpretativo</p>	<p>Materiais /suportes</p> <p>Papel, pano, outros</p>	<p>Pesquisa de imagens em revistas, jornais e livros</p> <p>Investigação</p>	<p>Formatos</p> <p>Variados</p>	<p>Técnicas</p> <p>Impressão, recorte colagens / outros.</p>
<p>Tempos Livres 1/8 horas</p> <p>(docentes/ aprendizes)</p>	<p>Recolha</p> <p>Sons identitários de diferentes culturais.</p>	<p>Produção</p> <p>Texto temático: “A mala de viagem”</p>	<p>Exposição dos trabalhos (Fase I)</p> <p>Escola e /ou localidade</p> <p>Espaço Artístico</p>	<p>Jogos</p> <p>Expressivos e lúdicos</p>	<p>Avaliação (Fase I)</p>	<p>Seminário Sobre a temática versada.</p> <p>Escola e/ou Localidade.</p>

Quadro 1 – Planificação de atividades – Roteiro I.

2.1.2- Imagens em movimento/ Roteiro II

Tempos Livres 1/8 horas	Formato digital	Espaço: Internet	Espaço: Redes sociais	Avaliação / Exposição Fase II)
Participação e colaboração: - Associação de Pais - Convite a Artistas - Convite a Comunicadores/ investigadores	Coleta de registos digitais Fixação /manipulação/ recriação de imagens em suporte digital.	Pesquisa <i>on line</i> <i>temática- investigação-</i> Relatos, Testemunhos, Debates temáticos	Registos finais expostos <i>on line</i> Plataformas, Sites Blogues	Avaliação dos trabalhos realizados (docentes aprendizes e outros) Divulgação dos trabalhos na sua totalidade

Quadro 2 – Planificação de atividades – Roteiro II.

3- Expressão Plástica – Educação Visual/Cultura Visual

No quadro curricular formativo, formal atual da Expressão Plástica/Educação Visual, no âmbito da Educação Básica, é uma constante os currículos abordarem o enfoque mais ou menos explícito, da Cultura Visual.

Como linha de exploração em sintonia com as Artes Visuais, seja em Educação a nível do 1º e 2º ciclo, esta estará relacionada com a promoção do conhecimento, intelecto, com seus processos mentais e não apenas aos processos manuais (Acaso, 2009). E a autora acrescenta:

“la educación artística, la didáctica de las artes y cultura visual, o como la queremos llamar, es un área educativa que se diferencia del resto de las aéreas que configuran el mundo de la educación en que el núcleo del conocimiento que genera está basado en un lenguaje específica: el lenguaje visual.” (*idem*: p.25)

Desde logo, constata-se que em ambientes escolares de Educação Artística no Ensino Básico direcionados a públicos alvos infanto-juvenis, tendem a privilegiar nas suas planificações, a dualidade de práticas e estratégias educativas, como é disso exemplo: os diferentes tipos de registo desenvolvidos nas aulas, onde convivem aprendizagens do manual como o desenho à mão com o desenho digital, ou o registo fotográfico e registo na areia, gerando deste logo um conhecimento artístico amplo e diversificado (DGE, 2018).

Poderão conter temáticas culturais-sociais, que servem de mote a projetos participativos e colaborativos, no âmbito escolar dirigidos a vários públicos alvo, em contextos formal e não formal. Como alerta Moura (2002, p.209), “Os Educadores artísticos portugueses necessitam de estudar estratégias multiculturais de reforma educativa de outros países e avaliar criticamente a sua adequação aos seus próprios contextos.”.

Assim, quando elaboramos o guião para o Roteiro I, orientado para construção de uma “Mala de viagem” e, conseqüentemente, a produção posterior de micronarrativas visuais realizadas por docente/aprendiz; pretendemos ativar a interação-diálogo entre os diversos intervenientes. Com a produção destes objetos – ‘as malas de viagem’ –, procuramos valorizar a experiência criativa dos seus intervenientes, seguida de aprendizagens significativas decorrentes da exploração temática vivenciada, a viagem.

Nesse sentido, os diversos intervenientes assumem-se como agentes construtores do seu próprio conhecimento, um conhecimento crítico sobre as realidades que os cercam. Ou, ainda, numa segunda fase, seguindo o Roteiro II, implicam-se no envolvimento não só da participação da escola, como na dos pais, de artistas e de comunicadores convidados para os eventos.

Nesta fase, destaca-se a participação de artistas chamados a colaborar com trabalhos/imagens sobre esta temática, como o caso de duas imagens apresentadas de autoria de Pestana (AP) (2017/2018), num evento realizado na Fundação José Rodrigues.



Foto 1 – Trabalho tridimensional, com restos de imagens, pertencentes à instalação artística *in Exposição Refuseds* (2017), Fundação José Rodrigues, Porto (AP), cujo referente é a saga dos refugiados.



Foto 2 – Fotografia documental de muro/mar (2018), Madeira (AP), metáfora dos muros que se erguem na contemporaneidade.

Sabemos que, para a maioria dos autores que se debruçam sobre *currículum*, arte, dimensão estética e social, a *Cultura Visual* é referida nas práticas educativas artísticas como são disso testemunho obras dos autores Efland, Friedemann & Struhr (2003), Hernandez (1997), Mirzoeff (2003), entre outros.

Deste modo, a Cultura Visual é fomentadora de aprendizagens significativas, seja pela visualidade das suas (re)apresentações, seja pelas (re)criações e (re)transmissões de mensagens e conteúdos. Para a ocorrência de criação de novas metas narrativas visuais no contexto escolar, é nosso propósito, ao procuramos incentivar e promover atividades, associando iniciativas extras-escolares, viabilizar a intercomunicação de diferentes públicos da comunidade educativa.

Debater criticamente no espaço educativo, de uma forma transversal, as imagens /artefactos presentes nas redes sociais e nos média, sobre a questão da diferenciação étnica e/ou dos refugiados, sobre (re)pensar o apelo ao medo e ao ódio, levando à defesa do multi(inter)culturalismo, sempre decorrentes das ideologias em que assentam, é um dos imperativos dos agentes educativos.

Vejamos como, no *Relatório Mundial – Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural* (UNESCO, 2011, p.5), a questão é abordada: "No contexto da globalização, o aumento das migrações e o crescimento das cidades, os desafios conexos com a preservação da identidade cultural e o fomento do diálogo intercultural adquirem uma nova projeção e tornam-se mais urgentes".

Sabe-se que, no campo comunicacional, hoje, a hipervisualização de imagens circulantes gera, desde logo, hipertextos sobre as realidades sociais, nos quais a ordem simbólica se desvirtualiza: "O novo complexo multimédia interativo configura uma nova discursividade, na qual, ao contrário dos sistemas clássicos, cada um de nós terá a sua própria expressividade, a sua própria participação." (Cádima, 2002, p. 205).

Pelo registo manual/documental, via expressões diversas (desenho, fotografia ou filme/ vídeo) cria-se uma discursividade do/sobre "o autêntico", "o real", "o agir", num mundo de manipulação e interação visual da realidade, extramente saturado. Assim, será pertinente e um desafio em nosso entender, criar um banco imagens sobre as temáticas da diversidade cultural, diálogo intercultural, o multi(inter)culturalismo, a partir da sala de aula, onde é recorrente estarem presentes aprendizes de diferentes realidades geográficas, sociais e culturais.

Com efeito, à Educação Artística no Ensino Básico cabe o papel de apelar à construção do conhecimento visual-artístico, orientado para uma cidadania plena, solidária e criativa. Daí corroborarmos, na inclusão nos currículos, no Ensino Básico, a

exploração/recriação de documentos visuais que versem sobre temáticas problemáticas hoje, como o racismo, a condição dos refugiados, os muros, a diversidade, a multi(inter)culturalidade; ou seja, defendemos uma Educação pela Arte, com vínculo às questões culturais sociais contemporâneas. Neste sentido, citamos Chalmers (2003, p.26) que defende: “la educación artística multicultural se ha entendido por lo general como el conjunto de una serie de actividades, correspondientes a una das unidades curriculares didácticas, que finalmente dan por resultado algunos productos concretos.”. A corroborar este posicionamento de Chalmers, o *Roteiro para a Educação Artística* (UNESCO, 2006, p.8) destaca:

“A consciência e o conhecimento das práticas culturais e das formas de arte fortalecem as identidades e valores pessoais e coletivos, e contribuem para salvaguardar e promover a diversidade cultural. A Educação Artística reforça a consciência cultural e promove as práticas culturais, constituindo o meio pelo qual o conhecimento e a apreciação da arte e da cultura são transmitidos de geração em geração.”

No quadro seguinte, pretendemos perspetivar o Roteiro I detalhado incidindo sobre o tema abordado, neste artigo, tendo como pano de fundo a *Educação Artística e Cultural nas escolas da Europa* (GEPE, 2010).

Conceitos	Multiculturalismo, Interculturalismo, Emigração, Migração, Instalação artística.
Procedimentos	Breve introdução sobre os conceitos. <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de registos visual de diferentes indivíduos de diferentes latitudes, livros, revistas, filmes, desenhos animados. - (re)Criação de registos de grafite e lápis de cor sobre o visionado pelo grupo de crianças. - Criação de placas de cartão com colagens de imagens de revistas jornais a utilizar na parte exterior e interior das diferentes malas de viagem, com diferentes tamanhos, a construir pelos grupos. - Criação de uma coleção de postais sobre o tema - Dentro das malas estão os desenhos e postais realizados pelas crianças. - Disposição das malas em diferentes locais da Escola, instalação artística. - Discussão com o grupo sobre o resultado final.

Materiais	<ul style="list-style-type: none"> - Revistas. - Jornais. - Tecidos. - Lápis de grafite e de cores. - Cola branca. - Marcadores. - Papel de acetado. - Papel sola fan. - Papel autocolante transparente. - Panos (restos).
Ferramentas	<ul style="list-style-type: none"> - Computador. - Projetor. - Pinceis. - Tesouras. - Agrafadores. - Pistola de colar.
Suportes	<ul style="list-style-type: none"> - Cartões. - Cartolinas. - Estrados, mesas, cadeiras, mesas, para a instalação artística final composta das malas de viagem realizadas pelos grupos.
Tempo	<p>Atividade proposta para:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oito aulas letivas - concretização da tarefa - confecção das malas. - Oito horas não letivas - planificação e concretização da exposição das malas realizadas pelos alunos.
Grupos	Três a cinco crianças por grupo (Grupos: A/B/C/D).
Metodologia e Público-alvo	<p>Utilizar a Metodologia por Projeto.</p> <p>Ensino Básico, 1º e 2º ciclo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diferentes escolas em contextos diferentes (Escola urbana, Escola suburbana, Escola rural).
Atividades e objetivos	<p>Nesta atividade propomo-nos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Criar com os alunos malas de viagens, visando abordar conceitos em análise. - Consciencializar para a diferença – o outro, o que chega, o que parte. - Debater a propósito da atividade, a construção das malas, enquanto ícones de viagem daqueles que partem e chegam, como (e)migrantes com suas culturas, usos e costumes. - Propor aos alunos de outras latitudes, presentes nas aulas, relatos sobre a sua experiência, na sala de aula, sobre as suas viagens e como foram as suas malas, mochilas de viagem, como estratégia de abordagem da temática em desenvolvimento.
Observações	<p>Esta atividade será o início de</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ciclos de conferências a apresentar sobre o tema – a Cidadania, com subtítulos como: Literatura, Cinema, Vídeo. - Interação com outras escolas, via plataforma, Skype/Youtube.
Passos da atividade	Observação/reflexão/experimentação/Criação/Avaliação

Quadro 3 – Roteiro I - “Uma mala de viagem para o meu amigo”, contendo participações diferentes intervenientes, âmbitos formal e não formal, baseado em Berrocal (coord., 2005).

Neste seguimento, apresentamos o Roteiro II, em detalhe.

Conceitos	Multiculturalismo, Interculturalismo, Emigração, Migração, Instalação artística.
Procedimentos	Breve introdução sobre os conceitos. - Coleta visual. - (re)Criação de registos digitais. - Discussão com o grupo sobre o resultado final.
Materiais	Conteúdos digitais <i>on line</i> e fotográficos.
Ferramentas	- Computador. - Camara fotográfica. - Camara de vídeo. - Telemóvel.
Suportes	Analógico e digital.
Tempo	Atividade proposta para: - Oito encontros - total 8 horas.
Grupos	Três a cinco pessoas por grupo – Grupos: A/B/C/D.
Metodologia e Público-alvo	Utilizar a Metodologia por Projeto. Associação de Pais, artistas outros intervenientes.
Atividades e objetivos	Atividade coletiva: Realização de uma exposição. Total - Instalação artística intitulada: “Uma mala de viagem para o meu amigo”. Propomo-nos - Criar, com os participantes, registos temáticos, visando abordar conceitos em análise e propor a discussão critica sobre o tema versado. - Consciencializar para a diferença – o outro, o que chega, o que parte. - Debater a propósito da atividade, questões relacionadas com Multiculturalismo, Interculturalismo.
Observações	Esta atividade será o início de - Ciclos de conferências a apresentar sobre o tema – a Cidadania, com subtítulos como: Literatura, Cinema, Vídeo. - Interação com outras escolas e comunidades, via plataforma, Skype/Youtube.
Passos da atividade	Observação/reflexão/experimentação/Criação/Avaliação dos produtos desenvolvidos.

Quadro 4 – Roteiro II - Projeção da Exposição final - Instalação Artística sobre a “A

Deste modo, com o processo proposto, pretende-se que os aprendizes e outros intervenientes educativos e culturais se inteirem da diversidade cultural para melhor compreenderem as realidades dos outros que partem e chegam à sua Escola e às Comunidades.

4- Comunidades educativas e locais – atividades formais e não formais

Sendo a comunidade educativa, hoje, composta por diferentes parceiros educativos e sociais, a Educação Visual, *versus* suportes fixos e digitais assumem um papel determinante na promoção artística e na divulgação de mensagens sobre diferentes realidades sociais, artísticas e culturais, quer direcionadas à(s) comunidade(s) educativa(s) e a(s) envolvente(s), quer especificamente aos seus agentes educativos, pais e outros parceiros sociais.

Trazer ao debate na Escola temáticas vinculadas às realidades sociais, artísticas e tecnológicas denuncia uma opção pedagógica vinculada às questões tecnológicas e técnicas, das sociedades contemporâneas. Em nosso entender, cabe as escolas, também, promoverem ações que possam ir ao encontro da problemática patente no discurso do Presidente da ONU, quando refere: “Devemos rejeitar aqueles que não conseguem entender que, na medida em que as sociedades se tornam multiétnicas, multirreligiosas e multiculturais, a diversidade deve ser vista como uma fonte de riqueza e não uma ameaça.” (Guterres, <https://exame.abril.com.br/mundo/onu-alerta-sobre-aumento-do-neonazismo-e-sua-influencia-politica/>).

Considerando que esta consciencialização social começa imperiosamente na Escola, com vivências do multi(inter)culturalismo, a Educação Artística assente nessas vivências, em nosso entender, poderá contribuir de uma forma significativa para uma maior compreensão sobre as diferentes realidades sociais e culturais que nos envolvem. Por outro lado, o Relatório EURYDICE (GEPE, 2010) permite-nos destacar como é importante, no Ensino Artístico, o interesse de enquadrar artistas na educação bem como é necessário incentivar a utilização das TIC na Educação Artística e Cultural, bem como promover atividades artísticas e culturais, extraescolares.

Assim, ao delinear os Roteiros I e II, procuramos sustentarmo-nos em autores e relatórios internacionais, por forma a que as nossas opções didáticas e pedagógicas sejam reconhecidas pelas fontes a que recorremos e que nos levam a implementar a Educação Artística no Ensino Básico, associada a uma responsabilidade cívica e sociocultural.

Conclusão

Por caminhos diferentes de investigação, no domínio das Ciências Sociais Humanas, o projeto proposto, focalizado nas Artes Plásticas e Visuais, ao longo do seu processo, assenta no desenho de confluências temáticas que nos sugerem boas práticas, tanto a nível da formação de professores como ao da implementação de aulas no Ensino Básico. Privilegiamos um design – Roteiros I e II –, que se fixa em práticas plásticas e visuais, numa perspetiva da cultura visual, sustentada em autores de referência neste domínio, enriquecida pela multiculturalidade com que nos defrontamos no contexto escolar e comunidades envolventes, promovendo interação e sustentando vivências interculturais.

É deste modo que as propostas apresentadas têm em consideração ambientes escolares formais e não formais, que incluem, aprendizes, professores, pais e outros intervenientes educativos, respeitando sempre as identidades específicas, realçando os seus valores, induzindo à partilha, à colaboração, visando um enriquecimento crescente, quer a nível cívico, quer formativo, quer cultural, ou seja, um desenvolvimento individual consolidado e multifacetado reforçado pela interculturalidade vivenciada espontaneamente e criando redes que reforçam a interação cultural no espaço escolar, no comunitário e no social.

Bibliografia

- AFONSO, M. R. (2001). A violência e as ruturas culturais. *Revista Noesis* nº 60, pp.51-53. Lisboa: DGE.
- ACASO, M. (2009). *La educación artística no son manualidades – Nuevas prácticas en la enseñanza de las artes y cultura visual*. Madrid: Ediciones Los Libros de Catarata.
- AGRA, M. J. (2001). Itinerarios de arte para la educación. *Revista Aula* 106. Barcelona: Ediciones Graó.
- ALMEIDA, A. (2000). As relações entre pares em idade escolar, Universidade do Minho. Braga: Edições Bezera.
- BERROCAL. M. (coord.). (2005). *Menús de educación visual y plástica*. Barcelona: Ediciones Graó.
- CÁDIMA. R. F. (2002). *História e Crítica da Comunicação*. 2ª ed. Lisboa: Edições Século XXI.

- CHALMERS, F.G. (2003) *Arte, Educación y Diversidad Cultural*. Barcelona. Ediciones Paidós Ibérica, S.A.
- DIREÇÃO GERAL DA EDUCAÇÃO. (2018). *Educação Artística*. Lisboa: DGE. Disponível em <http://www.dge.mec.pt/educacao-artistica> acedido em março de 2019.
- EFLAND, A., Freedman K. & Struhr, P. (2003). *La Educación y el Arte Posmoderno*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- FREEDMAN, K. (2006). *Ensenar la cultura visual, curriculum, estética y la vida social da arte*. Barcelona: Ediciones Octaedro.
- GEPE (2010). *Educação Artística e Cultural nas escolas da Europa*. Lisboa: EURYDICE Unidade Portuguesa. Disponível em [http://www.dgeec.mec.pt/np4/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=192&fileName=educacao_artistica.pdf](http://www.dgeec.mec.pt/np4/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=192&fileName=educacao_artistica.pdf) acedido em janeiro de 2012.
- HERNANDEZ, F. (1997). *Cultura Visual y Educación*. Sevilha: MCEP.
- LAMAS, E. P. R. (2009). *Aprendizagem ao Longo da Vida, Cursos Educação e Formação de Adultos - Nível Secundário. Reflexões e Comentários*. Vila Nova de Gaia: Instituto Piaget.
- MENDES, J. M. (2010). *Cultura e Interculturalidade*. Almada: Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Teatro e Cinema. Disponível em https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/188/1/cultura_multiculturalidade.pdf acedido em janeiro de 2018.
- MIRZOEFF, N. (2003). *Una introducción a la Cultura Visual*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- MOURA, A. (Fevereiro, 2002). *Uma crítica multicultural ao ensino do património artístico nas escolas portuguesas do 2º ciclo*. *Revista Galega do Ensino*, Núm. 34, 2 Estudos. Viana do Castelo: Escola Superior de Educação.
- PESTANA, M. A. (2010). *Educação artística: As pastas e blogues, como dispositivos pedagógico-didáticos*. Tese de Doutoramento. Santiago de Compostela: USC.
- TERIGI, F. (1998). Reflexiones sobre el lugar de las artes en el *currículum* escolar. In J. Akoschkj et al, *Artes y escuela – Aspectos Curriculares y didácticos de la educación artística* pp.13-91. Barcelona: Ediciones Paidós.
- UNESCO. (2005). *Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais*. Paris: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Disponível em <http://www.iber museus.org/wp-content/uploads/2014/07/convencao-sobre-a-diversidade-das-expressoes-culturais-unesco-2005.pdf> acedido em março de 2019.

UNESCO. (2006). *Roteiro para Educação Artística*. Lisboa: Comissão Nacional da Unesco. Disponível em <https://pt.slideshare.net/alfredoslopes/roteiro-para-a-educacao-artstica> acessado em fevereiro de 2019.

UNESCO. (2009). *Relatório Mundial – Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural*. Paris: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Disponível em https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184755_por acessado em janeiro de 2012.